

A MÚSICA MOVIMENTA A CULTURA E INSPIRA A LUSOFONIA: PELO INTERIOR DE CABO VERDE AO (RE)ENCONTRO DE PORTUGAL

MUSIC MOVES CULTURE AND INSPIRES LUSOPHONY: FROM THE INTERIOR OF CAPE VERDE TO THE (RE)ENCOUNTER WITH PORTUGAL

LA MUSIQUE SUSCITE LA CULTURE ET INSPIRE LA LUSOPHONIE: DE L'INTÉRIEUR DU CAP-VERT À LA (RE)RENCONTRE DU PORTUGAL

LA MÚSICA AGITA LA CULTURA E INSPIRA LA LUSOFONÍA: DEL INTERIOR DE CABO VERDE HASTA EL (RE)ENCUENTRO DE PORTUGAL

Catarina da Silva

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Portugal

Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia'CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal

RESUMO: O nascimento de uma esfera crioula em Portugal vem acompanhada de ritmos sustentados na morna, no batuque, na coladeira e no funaná nos quais, novos semblantes musicais vêm movimentar o corpo e casar a pele. Estas esferas, estabelecidas a partir de Cabo Verde, direcionam e futuram Lisboa como nova, ousada, ativa e próxima de África que, cantada a partir de diversas latitudes, aventura o reencontro de discursos, fluxos e raízes. Este artigo destina-se nesse sentido: a partir do processo de revisão bibliográfica a abordagem documental articula perspectivas e mobiliza dinâmicas na demanda de circunstâncias e casualidades multiformes, onde a música é aliança de um tempo reconquistado. Unem-se ritmos e dentro de um só celebra-se a memória e a identidade. Existem lugares que se reiniciam. Este é um deles.

Palavras-chave: Cabo Verde, Lisboa, fluxos musicais, multiplicidade, união.

ABSTRACT: The birth of a Creole sphere in Portugal is accompanied by rhythms sustained in morna, batuque, coladeira and funaná in which new musical semblances come to move the body and marry the skin. These spheres, established from Cape Verde, direct and future Lisbon as new, daring, active and close to Africa which, sung from different latitudes, ventures the reencounter of discourses, flows and roots. This article is intended in that sense: from the bibliographic review process, the documental approach articulates perspectives and mobilizes dynamics in the demand of multiform circumstances and casualties, where music is an alliance of a reconquered time. Rhythms are united and within a single one, memory and identity are celebrated. There are places that restart. This is one of them.

Keywords: Cape Verde, Lisbon, musical flows, multiplicity, union.

RÉSUMÉ: La naissance d'une sphère créole au Portugal s'accompagne de rythmes soutenus en morna, batuque, coladeira et funaná dans lesquels de nouveaux semblants musicaux viennent émouvoir le corps et épouser la peau. Ces sphères, établies depuis le Cap-Vert, orientent la et future Lisbonne comme nouvelle, audacieuse, active et proche de l'Afrique qui, chantée sous différentes latitudes, ose la rencontre des discours, des flux et des racines. Cet article se veut dans ce sens: à partir du processus de recension bibliographique, l'approche documentaire articule des perspectives et mobilise des dynamiques dans l'exigence de circonstances et d'accidents multiformes, où la musique est l'alliance d'un temps reconquis. Les rythmes sont unis et au sein d'un même, la mémoire et l'identité sont célébrées. Il y a des endroits qui redémarrent. C'est l'un d'eux.

Mots-clés: Cap-Vert, Lisbonne, flux musicaux, multiplicité, union.

RESUMEN: El nacimiento de una esfera criolla en Portugal se acompaña de ritmos sostenidos en morna, batuque, coladeira y funaná en los que nuevas apariencias musicales vienen a mover el

cuerpo y casarse con la piel. Estos ámbitos, establecidos desde Cabo Verde, directos y futuros de Lisboa como nueva, atrevida, activa y cercana a África que, cantada desde distintas latitudes, aventura el reencuentro de discursos, caudales y raíces. Este artículo se propone en ese sentido: desde el proceso de revisión bibliográfica, el abordaje documental articula perspectivas y moviliza dinámicas en la demanda de circunstancias y casualidades multiformes, donde la música es alianza de un tiempo reconquistado. Los ritmos se unen y en uno solo se celebra la memoria y la identidad. Hay lugares que reinician. Este es uno de ellos.

Palabras-clave: Cabo Verde, Lisboa, flujos musicales, multiplicidad, unión.

1. Aproximação

Enquanto elemento explicativo de processos sociais, o universo musical cabo-verdiano em Portugal aprofunda uma realidade de variados géneros e formas. Nesses múltiplos contornos, a morna, o batuku, a coladeira e o funaná são exemplo do mencionado: como figuras musicais, integram-se nas práticas de sociabilidade e entretenimento da população e transformam-nas em elementos do cenário cultural português. Estes géneros musicais nascidos a partir de um específico contexto são hoje envolvidos de mutações históricas reveladoras da forma como os “indivíduos pensam, agem e vivem, seja consigo próprios, seja na relação com a comunidade” (Belanciano: 12). Através de Dino d’Santiago, Mayra Andrade, Sara Tavares, Lura, Fogo Fogo e Kriol é possível traçar o percurso dessas expressões onde a música não é apenas música, “é também experiência social. É lugar de debates e confronto de ideias. É cultura e maneiras de pensar. É uma das formas mais arcaicas de atribuir identidade (Belanciano: 11). A atividade dos cantores encena uma lógica explicativa de transformações culturais que categorizam a música no quadro das trocas sociais e que, percebidas na soma de todas as pertenças, tornam-se resultado de particulares circunstância e múltiplas formas de cruzamentos territoriais. Enquanto ser, sentir, mover e fazer da vida social, a música espelha a estrutura de onde emerge e assume uma importante função na esfera cultural análoga ao artista e ao seu meio.

É a área metropolitana de Lisboa que acolhe a mais expressiva população e com ela os artistas que cantam a cidade. A diáspora é dinâmica e significativa e a narrativa de inspiração nasce da mistura, da necessidade de fazer nascer pontes e centrar os processos socio-históricos nonexo de práticas contextuais. A maioria dos cabo-verdianos têm uma tradição e uma herança migratória que os une a Portugal, que começou no século XVI ou XVII e que atualmente se consolida na liberdade individual, na diversidade artística e na ação conjunta que permite que os referentes culturais portugueses e cabo-verdianos se cruzam de forma vária e multiforme (Góis, 2008: 12). A produção musical é feita em português e em crioulo, potencializada pelos encontros e cruzamentos interculturais num plano de representações e contextos relacionais em que Lisboa é lugar de integração, produção e reconstrução identitária e produto emergente dessa interação.

Do ponto de vista estrutural procede-se á revisão do estado da arte no domínio da sociologia da música onde a questão envolta da cultura e da identidade norteiam a pesquisa, situam a problemática e o enquadramento teórico. Partimos de uma estratégia metodológica que contempla a análise de vários aspetos ligados diretamente à atividade dos e á representação identitária dos músicos e que, através da análise de discursos dos vários e de referências de cunho jornalístico se notaram práticas e dinâmicas vivas em contexto diaspório.

2. Estado da arte

Em conformidade com uma introdutória exploração bibliográfica é determinante a obra *Não dá para ficar parado – Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança* de Vítor Belanciano. A dimensão musical das segundas e terceiras gerações afro-descendentes serve de base para o conhecimento da realidade portuguesa e europeia onde detalhadamente o autor descreve contornos acerca da estrutura social e cultural com enfoque nas práticas múltiplas de manifestação sonora. Como espaço de acesso a processos sociais que motivam a reflexão sobre os sujeitos que integram essas estruturas, as descrições entregues por Vítor Belanciano exploram a música como objeto e instrumento que embala manifestações de grupo numa dinâmica indagada de significados, contextos e circunstâncias coletivas inteiradas de uma totalidade de referentes que servem de entendimento acerca do modo como esta comunidade ordena, guia e mapeia as suas ações sociais.

O levantamento de uma sólida base documental julga-se fundamental para uma sequente decomposição e análise temática onde a revisão acerca do conceito de identidade se mostra relevante para a contextualização do estudo e ajustado entendimento relativo ao mesmo. Nesta lógica, visto a música ser produto e criação do seu lugar de significação, o correspondente sistema de movimento, envolvimento e contexto refletem a cultura dentro da qual é desenvolvida e a identidade a ela aproximada. Aqui, amparamo-nos em Clifford Geertz e na sua obra *A Interpretação das Culturas* (1989), em que o antropólogo reitera que á luz do contexto onde se inserem, as experiências comuns constrói-se num fluxo total de processos pelos quais os indivíduos experimentam, interpretam e criam sistemas organizados de símbolos nos quais as práticas e as atividades sociais se cumprem e como a partir delas se constroem identidades. A totalidade acumulada desses padrões simbólicos orienta e regula o comportamento do individuo no conjunto dos seus planos, receitas, regras e instruções onde, por intermédio da construção de eventos e realidades às quais se atribui valor e significado, os símbolos e representações integram as unidades e componentes identitárias. Fazer uma leitura do significado da música em contexto ritualista exige a compreensão da dimensão simbólica desses símbolos que criam um contexto de ação onde o uso e o modo como os mesmos são interpretados afirmam pertenças a um processo de construção identitária, tanto de um sujeito como de uma comunidade.

A dimensão dos processos identitários que vivem ao longo das práticas e dos discursos são concretizados por meio das participações na cultura e pela índole do lugar de presença das cerimónias e dos rituais étnicos. A partilha dos sentidos, substanciados pelos discursos culturais, fornecem e posicionam no seu interior a construção de uma identidade que se enuncia no diálogo e no círculo de definições por ela representada. Neste cenário, Stuart Hall em *Cultura e Representação* (2016) reconhece a condição da identidade figurada no papel primacial da vida coletiva

quando argumenta que esta regula práticas e condutas e colabora no estabelecimento de normas segundo as quais a vida em sociedade é preceituada e ordenada. Ao longo da obra, Stuart Hall deixa evidente que as circunstâncias dispostas entre o indivíduo e o meio social formam princípios de conduta decorrentes de produtos de construção cultural onde os hábitos e os costumes são apreendidos a partir de um grupo ou categoria circundante e através dos quais se confere sentido aos acontecimentos através dos quais se vive (Guerra, 2022a).

Em virtude de *Music in Everyday Life* (2004) Tia Denora possibilitou-nos uma aproximação à noção de identidade quando expõe o poder da música como sistema de representação construído, partilhado e reproduzido em espaços sociais e em configurações temporais específicas. Pormenorizada numa sucessão de fatores através dos quais se mobilizam e agrupam referências organizadoras da vida social, Tia DeNora mobiliza a música como meio norteador e criador de cânones que se dispõem numa estrutura corpórea de uma realidade sociocultural própria. Similarmente de aspeto central no que concerne ao suporte analítico, em *Music Into Action* (2002) a sociologia realça a música na qualidade de um processo interativo de expressão onde o indivíduo dispõe da mesma como material organizador do pensamento e da ação.

Por meio de conteúdo e referências de âmbito jornalístico, de material videográfico e de fotografias, a observação e análise de constituintes textuais possibilitaram uma reflexão dinâmica acerca do campo musical onde nos movemos. Assumindo como símbolos de identificação da comunidade, foi sob o representativo material que as dinâmicas sociais e os elementos constitutivos da unidade de grupo se ordenaram e liquidaram na mesma totalidade e assim possibilitou explicar as variadas naturezas de formação identitária que sublinham a importância da decomposição e exploração do objeto de investigação (Guerra, 2022b).

Vista a impossibilidade de realizar uma pesquisa de campo, consideramos relevante neste processo o confronto e a combinação de materiais diversos que tivessem a capacidade de revelar padrões e fornecer informações que possibilitassem a uniformização da narrativa apresentada. Neste sentido, fizemos incluir suportes de vídeo enriquecedores e constitutivos de um contributo favorável e harmonizado com a matriz de reflexão. O nosso entendimento acerca da afirmação identitária adquiriu solidez através da observação e análise de alguns concertos e atuações disponibilizados pela plataforma Youtube. A grande maioria destas referências audiovisuais compõem-se de elementos do foro mais técnico, como o grafismo ou aspetos ligados à produção em quem, a mensagem delineadamente expressiva a que a elas está veiculada abre caminho a uma estratégia de reconhecimento documental proveitoso para a construção da argumentação teórica.

3. Identidade e diáspora

Entre as várias dimensões que interferem na análise da música importa sublinhar o perfil do espaço social onde residem as manifestações culturais. O relevo das histórias de quem canta Cabo Verde e se inspira na morna, no batuque e no funaná, dispõe de Lisboa como impulso e palco para o discurso da prática musical que, profusa de trajetórias coloniais e pós-coloniais, retrata padrões de identidade e de historicidade entrelaçados na diáspora e no sentimento lusófono de pertença (Cidra, 2022: 59). O vínculo histórico entre Portugal e Cabo Verde assinalado pela emigração de santiaguenses para Portugal no final da década de 60, gerou a interpretação de géneros performativos como o batuko, o funaná, a morna e a coladeira, que proclamaram formas de cultura expressiva, manifestaram a diversidade de práticas assim como, a emergência de novas políticas de identidade (Cidra, 2008: 116-117). Na atualidade, os jovens descendentes imputam á memória e á génese o fundamento de uma cultura mais assertiva e eminentemente política do ponto de vista das interligações que a diáspora carrega. Os fluxos migratórios transformaram as estruturais da vida social e fixaram práticas profissionais que reconstruíram símbolos organizadores, práticas, ideias e valores onde a música, como cultura, tem a capacidade de representar, reestruturar e reinterpretar padrões, símbolos e tradições que compõem a herança dos povos e nações e que irrompem como mecanismos de identificação de indivíduos e património.

Compreender a identidade como produto de um local histórico e institucional específico, significa compreender a música como material ativo, dinâmico e ordenador na vida social, constitutivo de trajetórias e estilos de conduta reais, dispositivo organizador de um conjunto social que estruturam uma pertença indicativa para si e para os outros (TiaDenora, 2004: 7/15). Como processo complexo e flexível, capaz de uma reestruturação permanente, a construção identitária resulta de um diálogo vivo através do qual se fazem significados e hábitos que, agrupados e apreendidos a partir de um grupo ou categoria do seu ambiente, criam sentidos nos acontecimentos através dos quais vivem (Guerra, 2017, 2018). É “sob a direção de padrões culturais, sistemas de significação criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas” (Geertz, 1989: 37), que a conceção temporal ambienta a identidade e condiciona paralelamente a cultura, a sociedade, e as pessoas que nela habitam. A música é aqui um elemento de intercâmbio que compõem quadros e contextos espaciais por eles determinados e por eles modificados em que se transformam circuitos e ciclos de relação. Tal como Vitor Belanciano afirma, “hoje convivem lado a lado a narrativa da Lisboa pós-colonial, intercultural, agregadora, com ginga, capaz de dançar com as diferenças e criar novas linguagens, imaginários e experiências, da qual fazem parte segundas e terceiras gerações portuguesas afrodescendentes (Belanciano: 10).

Quando Dino d´Santiago afirma que “*N ben di longi, ma n ka stranjeru nau!*”¹⁰ (Eu vim de longe, mas não sou estrangeiro!), a concordância de redes partilhadas profusas de causas e premissas de um sistema cultural, vem evidenciar os modelos de pensamento plural e revelar a música na disposição de forças próprias onde a “identidade não é apenas o que se é, é o que se diz que é – muitas vozes, muitos dizeres, logo, vários sujeitos e várias representações” (Silva, 2028: 19). A música afeta ao ambiente celebra Lisboa nos seus parâmetros de ação criativa, transversal e participativa feita de comunidades e histórias que estão na essência da criação cultural e de um local que é feito por todos os que o habitam e que por lá passam (Brito, 2021). Cada vez mais aberta e multicultural, a Lisboa narrada em língua crioula declara-se mais global e integradora, ouvida sobre a importância histórica e sociológica dos dias atuais. A cidade percebe a harmonia numa *Africa di Nós*¹¹ (África de Nós) ao desafiar a releitura das relações sociais que se querem mais inclusivas de nós próprios e ao perceber que ao vapor do legado cultural, das sociabilidades e das experiências, onde o *branku ku pretu*¹² traz intensidade a “uma cidade onde traços socioculturais de diferentes origens se afirmam cada vez mais como traços da própria cultura local. Onde se assiste a quotidianos pautados por hábitos de várias origens, resultado de uma natural aculturação” (Brito, 2021). E “se alguma ‘identidade’ é perceptível – “e é-o sempre, porque nenhum sujeito social existe sem falar e sem que falem sobre si – sê-lo-á tanto mais apuradamente quanto mais nós, aqueles que sobre ela discorremos, formos capazes de interrogá-la na tensão dinâmica entre factos e representações, permanências e transformações, duração e contemporaneidade, unidade e diversidade, totalidade e incompletude, fronteira e travessia” (Silva, 2018: 20).

3.1. O tempo é crioulo e a voz é ativa: por Dino d´Santiago

“Dino D´Santiago, mais do que um músico, é um movimento cultural” (Gomes, 2022). Este ímpeto é prontamente visível no seu nome: Claudino de Jesus Borges Pereira adota, em 2011, o nome Dino d´Santiago porque “em Cabo Verde ou és filho de alguém ou de algum sítio”¹³. Os pais, nascidos na ilha de Santiago, dão realidade ao seu nome onde o cantor decidiu equilibrar o universo português e a terra cabo-verdiana: dado que em Cabo Verde se diz Dino di Santiago mas, em Portugal fala-se Dino de Santiago o artista optou por usar uma apóstrofe como elemento articulador dos dois mundos. Foi na esfera destes dois universos, e após experiências musicais várias, que Dino d´Santiago encontrou o seu lugar numa música operante e conciliadora de línguas, lugares e relações. Após participar em 2003 na “Operação

¹⁰ Frase da música *Mundu Nôbu*: <https://www.youtube.com/watch?v=dToNIT7vkuc>.

¹¹ Título de uma música de Dino d´Santiago: https://www.youtube.com/watch?v=btcz_nli1_Y.

¹² Palavras da música *Krioulo* de Dino d´Santiago: <https://www.youtube.com/watch?v=DZuJfuTIXjA>.

¹³ Dino d´Santiago explica a escolha do seu nome artístico numa entrevista encaminhado por Diogo Faro: <https://www.youtube.com/watch?v=gGet7-EGdIO>.

Triunfo¹⁴, colaborar em 2004 com os *Expensive Soul* em *Jaguar Band*, em 2008 lançar o álbum *“Eu e os Meus”*¹⁵ e no ano de 2009, na companhia de Virgul, criar a banda *“Nu Soul Family”*¹⁶, o seu lugar de artista “povoado” surge com *“Eva”* (2013)¹⁷ numa homenagem á ilha de Santiago e ás vivências do seu lugar de família. O álbum enaltece a tradicional sonoridade de Cabo Verde, a que Dino d’Santiago acresce os seus múltiplos campos identitários e diferentes sinais com que se foi relacionando para fazer surgir *“Mundu Nôbu”* (2018) disco que traz uma reestruturação na carreira do cantor. O álbum é “um clássico da música lusófona, um arrojado empreendimento de atualização da música cabo-verdiana (e portuguesa também) que une a tradição e a modernidade juntando elementos de funaná, batuque, morna, coladera, zouk e kizomba a subtilezas eletrónicas” (Ribeiro, 2018). De forma original e peculiar, *“Mundu Nôbu”* transporta uma roupagem de ritmos combinados, numa génese lusófona ordenada entre o crioulo e o português para um “casamento que faz abrir por todos os lados com a “Nova Lisboa” e o “Como Seria” (Pinheiro, 2018). Nascido no Algarve, em Quarteira, no ano de 1982, viveu onze anos no Porto e, na atualidade a cidade de Lisboa é a casa que surge “nova”, manifesta-se “aculturada, crioula, que se mistura e sabe conviver com as diferenças” (Mendonça, 2019). Estampa-se como lugar de encontro de “todos os mundos da lusofonia que coabitam ao ponto de não se distinguir um guineense de um moçambicano ou santomense” (Pinheiro, 2018). Lisboa levanta-se como epicentro desta viagem onde a multiplicidade apenas é conhecida “quando chegas a casa de alguém e o prato é uma moqueca ou uma moamba (...) O pessoal encontra-se (...) Existem as diferenças, sim senhor, mas as pessoas aculturam-se (...) Basta ires a uma [festa] Na Surra ou uma noite da Príncipe para sentires isso. Vês o puto do bairro na roda com o tipo do Estoril ou de Campo de Ourique. Daí o “Nova Lisboa” [dizer] “deixa tarraxar mesmo sem saber” (Pinheiro, 2018). O carregado percurso histórico pode hoje ser usado “para cultivar o bem, para emancipar, para criar o resultado dessa cultura que se misturou desta forma incrível” (Carvalho, 2021). E “nós realmente temos nas nossas mãos a possibilidade de transformar isto num mundo bem melhor, e raramente na História tu tiveste a oportunidade de a reescrever. Não é esquecer o que aconteceu, mas é o que é que podemos fazer de melhor para que os nossos filhos, os filhos dos nossos filhos, e as novas gerações, e a nova humanidade” (Carvalho, 2021).

“Como uma herança muito positiva do que foi o colonialismo” (Pinheiro, 2018), é através do seu pai Jorge e da sua mãe Andressa que cinco das dez ilhas de Cabo Verde, são cantadas por Dino d’Santiago: ao tradicional batuku e funaná de Brava,

¹⁴ Atuação de Dino d’Santiago: <https://www.youtube.com/watch?v=DeYKIGwboOA>.

¹⁵ Álbum disponíveis em: <https://www.discogs.com/release/4525687-Dino-And-The-Soul-Motion-Eu-E-Os-Meus>.

¹⁶ *This is for my people - Nu Soul Family*: <https://www.youtube.com/watch?v=ouE2t6TKOBs>.

¹⁷ Os álbuns *Mundu Nôbu*, *Sotavento* e *Kriola* podem ser ouvidos em <https://www.letras.mus.br/dino-dsantiago/>.

Ilhéus Raso, Santiago, Ilha do Fogo junta-se uma globalidade eletrónica como necessidade de um resgate identitário aflorado na desconstrução de certos valores e preconceitos instituídos historicamente. Quando Dino d´Santiago ouviu *Brava*, canção que faz parte do EP *Sotavento* (2019) a ser tocada na Antena 3 percebeu que “os vários espectros da nossa cultura, que eram censurados pelo colonialismo, já foram quebrados. Chegar à minha idade e poder ouvir, juntamente com os meus pais, estas músicas a passar na rádio, é a maior vitória possível. Ouvir as pessoas no concerto a cantar em português e em crioulo, faz-me pensar que muito está feito e agora devemos continuar a plantar essa semente (Soares, 2020). O diálogo pós-colonial é aqui enaltecido pelo cantor numa prática, num imaginário e numa dinâmica cultural, espacial e política que compreendem a forma como os agentes dos dois campos se relacionaram, interagem e reagem num quadro transformador que hoje também se define pela sua diáspora. “A música e os seus criadores possuem o poder de reconfigurar os retratos imaginativos dos sentimentos das populações. Dão a conhecer que a vida está em mudança, mas também fazem com que se criem novas apetências, novos discursos e diferentes modos de estar e de viver que, conseqüentemente, irão fazer com que os indivíduos se movam através dos contextos sociais, históricos e políticos que lhes são apresentados (Guerra; Hoefel; Severo & Sousa, 2020: 272).

Dino d´Santiago agrega-se a movimentos sociais e revela-se diante de acontecimentos quando através das letras e discursos mobiliza e conscientiza sobre a importância dos direitos dos indivíduos na sociedade: “questões como o racismo, inclusão social e igualdade de direitos são abordados na plataforma criada por ele que inclui brancos, pretos e mestiços em pé de igualdade” (Gomes, 2022). Quando suporta o movimento “Black Lives Matter” ou quando se expressa para com a morte de Bruno Candé ou até quando cria “*Funaná is a new Funk*”, os seus modos de sociabilidade e resistência podem inspirar e mobilizar condutas e modelos de pensamento pois, “a música, aliada à mudança e à contestação, gera mecanismos que tornam possível uma prefiguração dos desafios sociais, quer sejam eles de índole política, económica, cultural, social ou territorial¹⁸. Aquilo que pretendemos afirmar é que a música se apresenta como uma manifestação que, não pretende apenas estabelecer uma denúncia face a um ou vários malefícios da sociedade, como também, de forma intrínseca, procura mobilizar as populações com o intuito de provocar uma ação e uma mudança dos padrões de injustiças e de desigualdades que pautam a vida quotidiana (Guerra; Hoefel; Severo & Sousa, 272/ 273). Integrado á dinâmica da vida, o cumprimento de ações de forma coletiva mostrou-se ainda mais visível quando, juntamente com Branko, no dia de 25 de Abril de 2020, levou a celebração do dia da liberdade a quem os assistia a partir de casa. Em função da pandemia Covid-19 não foram realizados os tradicionais desfiles na Avenida da

¹⁸ Todos os movimentos estão referenciados em: <https://www.instagram.com/dinodsantiago/>.

Liberdade e por essa razão a Câmara Municipal de Lisboa convidou Branko, que por sua vez chamou Dino d’Santiago e que num espetáculo em direto para as redes sociais preencheram a Avenida de independência, coragem, afirmação e luta¹⁹. Sob outro enfoque, no mesmo dia, no ano de 2022, fez cumprir Abril com um concerto nos jardins do Palácio de São Bento, residência oficial do Primeiro-ministro António Costa, onde vestido por uma t-shirt onde se lia “Preto, estás na tua terra!”, levantando dessa forma uma “enorme ressonância emocional e política, reafirmando o que une tanta gente. A democracia vivida como prazer” (Belanciano, 2022).

É no posicionamento de quem vive do ativismo das rimas que o álbum *Kriola* (2020) surge num timbre mais participante. Objetivado para transformar o espaço mediático numa frente de luta contra todas as formas de discriminação e na defesa de um mundo mais envolvente, sagaz e inclusivo, “preto e branco geração de ouro” deseja abrir horizontes e celebrar a cultura crioula em todo o seu esplendor: “aqui branco e preto representa o início de todas as outras cores, só vai haver mudança quando os dois lados estiverem realmente de braços dados e sempre que nos juntámos formos realmente melhores” (Carvalho, 2021). O álbum “surgiu a partir da afirmação do movimento crioulo, que se reflete na cultura da mistura que todos nós somos. Vem da crioula dessa cultura, ou seja, a união de várias línguas e formas” (Soares, 2020). *Kriola* “não é preto nem branco (...) é uma cachupa instrumental [que] desta vez viajou do batuku ao ozonto, da coladera ao grime, sempre com o tempero final dado pelo funaná que descansa no arriscar de um tarraxo” (Caetano, 2020). Num comunicado feito pela Sonic Music, editora responsável pelo álbum, a mesma afirma que “a crioula do mundo é um movimento imparável nas sociedades contemporâneas, transportando consigo conflitos, cultura, criatividade, herança e festa. Lisboa reflete-o. Dino D’Santiago assume tudo isso em *Kriola*, o seu novo álbum” (Machado, 2020). As novas músicas surgem irrompendo “tanto a preservação de géneros tradicionais como criando novos híbridos modernizados, com o crioulo e a língua portuguesa participando na mesma corrente” (Machado, 2020).

A relação direta que a música de Dino d’Santiago estabelece com a história advém para matérias como a discriminação, a marginalização e a hostilidade que, nos dias de hoje, ainda existem profundamente enraizadas. A música como elemento de comunicação e importante meio de expressão tem a capacidade de carregar significados de uma época e nesse âmbito, a análise ao nome no feminino atribuído ao álbum, *Kriola*, surge “porque se trata de uma homenagem ao elemento que nos rege, a mulher” (Soares, 2020). Num retorno ao seu lugar de memória o cantor anuncia que “o álbum tem um título feminino porque o meu pai sempre disse aos filhos que quando decidíssemos dar-lhe alguma coisa devíamos antes dá-la à minha mãe” (Caetano, 2020). Dino d’Santiago acrescenta que o álbum: “é o olhar atento às

¹⁹ Atuação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RJxRPdx3uE>.

mães que perdem os seus filhos, como a mãe do Giovani [jovem cabo-verdiano que faleceu no início do ano ao tentar separar uma rixa]”. Complementa que “nada tem a ver com racismo, podia ter sido outra pessoa ali. Foi um momento de ódio que culminou na tragédia. É o relembrar da Sra. Cláudia que também foi agredida por polícias, assim como a violência doméstica que aumenta cada vez mais. O disco fala sobre tudo isso, a importância que há em assumirmos as nossas misturas e não nos esquecermos que a iniquidade deve ser extinguida” (Soares, 2020). Numa relação direta com a história pessoal e social, *Kriola* rompe decidida a “elevar aquelas que são os maiores exemplos da minha vida, que, neste caso, são as mulheres que me rodeiam. Começa na minha avó, vai até à minha irmã, e depois todas as mulheres que trabalham à minha volta, na editora, na agência, as várias amigas que tenho que são as minhas maiores conselheiras, a minha Balila batucadeira em Cabo Verde, várias pessoas, que são sempre mulheres (...) A minha revolução é o feminismo e o *Kriola* no feminino foi simplesmente para simbolizar esse elemento feminino que me rege de Norte a Sul e para celebrar a cultura crioula, a manifestação crioula, a expressão crioula e a verdadeira definição de crioula que é a mistura que nós somos. A ideia foi celebrar que somos todos crioulos e fazê-lo da maneira mais bonita que é, para mim, no feminino” (Brito, 2020). Este espaço de ação lembra os movimentos feministas que têm ganho amplo crescimento social e político por meio de um longo percurso histórico de lutas pelo respeito e igualdade entre os gêneros e que, oportunamente, Dino d’Santiago convoca. O cantor consolida esta manifestação quando diz que *Kriola* podia, de forma igual, materializar-se em três nomes: Cesária Évora, Sara Tavares e Mayra Andrade, pois “são três espectros completamente diferentes da criouldade. No centro, entre a Cesária Évora e a Mayra Andrade, tens uma Sara Tavares, que liga toda a lusofonia e todos os artistas, desde os rappers aos mais tradicionais, ao jazz, todos vibram na sua energia” (Brito, 2020).

Badiu (2021)²⁰, o quarto álbum do cantor, prolonga a diáspora cabo-verdiana numa narrativa envolta de um simbolismo e de uma carga histórica dura e complexa. “A história foi trágica e agora estamos à procura de um final feliz. Mas não nos deram um início. E esse resgate do princípio, aquelas pessoas que os portugueses tiraram do continente africano, foram retiradas das suas famílias, foram escravizadas — e elas tinham sonhos. No fundo, este ‘Badiu’ é honrar esses sonhos” (Farinha, 2021). O nome do álbum tem “origem nos escravos que saiam da Gâmbia, Senegal e, posteriormente, da Guiné, e eram trazidos como mercadoria para o tráfico de pessoas escravizadas, pelos portugueses, para a Cidade Velha, antiga Ribeira Grande, que já foi capital de Santiago. Era um ponto estratégico no Oceano Atlântico para todas as transações comerciais, desde o ouro até às pessoas escravizadas. Foi lá o berço da escravatura. Eu homenageio os Badius porque eles conseguiram fugir para o interior

²⁰ Álbum disponível em: https://music.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_I0aa-8KlzySi36GqZURcW2odnmiTy6AQ.

de Santiago — saíram do litoral e foram para as montanhas — na altura em que a Cidade Velha foi bombardeada por ataques corsários de piratas vindos de Inglaterra, Turquia, Holanda e França. Esses ataques ocorreram durante três séculos, sendo que os do século XVII foram os mais explosivos e incendiaram a cidade toda, ao ponto de deixar de ser a capital. Esse povo refugiou-se no interior, foi um povo que sofreu bastante com o clero, neste caso a igreja católica, que lhes negaram quer os costumes como a própria condição humana. Os resistentes — aqueles que conseguiram fugir — foram os únicos que conseguiram conservar as culturas que vinham diretamente de África (...) São sons de resiliência e resistência de pessoas que eram analfabetas, não letradas, e as canções eram eternizadas só em memória. (...) Muita da história do povo Badiu está refletida apenas no batuque e no funaná, que são géneros que não eram considerados géneros nobres, que não pertenciam às elites. Mas foram esses géneros que construíram Cabo Verde. Então, essa é a minha homenagem. Até porque eu sou filho de dois Badius, do interior de Santiago” (Oliveira, 2021). As 12 canções que compõem o álbum abordam temas como "o aquecimento global, as guerras, as fugas dos refugiados, as mortes dos mares" (...) e conta com participações vocais de pessoas que admira e que olham para a vida da mesma forma que ele, e para a arte e a cultura "com o respeito que elas merecem ter": em alguns temas juntou à sua voz as vozes de Slow J, que tem feito um trabalho incrível no hip-hop português", Lido Pimenta, "ativista e artista plástica esplendida da Colômbia", Rincon Sapiência, "que tem feito um trabalho incrível no Brasil de transportar as vozes negras para um lugar de fala e contar a nossa história, enraizá-la", da avó, "antes de ela falecer", e de Nayela, "uma feminista nata africana" (Lusa, 2021). "Este Badiu é fruto de trabalho comunitário, com muitas fronteiras mas sem limites. Uma obra embalada pelo Batuku, catártico, cru e negro, que permitiu que gerações novas de cabo-verdianos se reconciliassem e aprendessem a reivindicar a sua herança africana" (Bantumen). O cantor acrescenta que "na altura, as pessoas que vieram povoar Cabo Verde vinham do norte de Portugal, e trocavam o 'v' pelo 'b', daí badiu, utilizado de forma pejorativa. A partir do século XX os próprios badius apropriaram-se da palavra como símbolo de resiliência e resistência na luta pela independência (Santos, 2022). A fotografia de capa do álbum é também um símbolo dessa força: "o simples pano de terra que tem uma história incrível. É um pano 100% algodão que vinha com as pessoas escravizadas que vinham da Guiné, e tornou-se tão valioso em Cabo Verde que as famílias portuguesas consideradas poderosas eram as que o tinham²¹. O pano de terra era usado como moeda de troca, para comprar pessoas escravizadas ou pagar multas ao tribunal (...) e foi entrando na cultura cabo-verdiana, amarrado à cintura na prática do batuku, ou usado em cerimónias como casamentos, batismos e velórios" (Lusa, 2021).

²¹ A capa do álbum esta disponível em: <https://sonymusic.pt/dino-dsantiago-novo-album-badiu/>.

Dino d´Santiago dá “voz às histórias, angústias e alegrias da nação crioula que tem o Atlântico como uma extensão do seu território e a música como o único refúgio para a alegria” (Bantumen). O seu manifesto sonoro, íntimo, social e político tem dado ao cantor proeminentes projetos²² e múltiplas consagrações internacional: como representante dos artistas lusófonos e acompanhado de uma camisola estampada com Cesária Évora, Dino d´Santiago discursou nas Nações Unidas acerca do impacto da pandemia nos artistas e nas indústrias criativas²³, na ilha de Santiago uma pintura urbana preenche a rua com o rosto do cantor como homenagem aos 100 Afro-Descendentes mais influentes do mundo²⁴ e neste relato, a cultura e sua multiplicidade forma enaltecidos no Jardim de Verão da Fundação Calouste Gulbenkian²⁵ onde sob a curadoria e participação do cantor, a Lisboa Crioula viaja “por todas as paletas de cores”²⁶ numa série de concertos com artistas afrodescendentes que intentam “promover a diversidade por uma melhor sociedade” (Brito, 2021). Neste âmbito, e enquanto ícone da crioulação, o desempenho social e a responsabilidade de ser ativista percebem o poder da palavra na sua arte e, por essa razão, talvez Nuno Artur Silva tenha razão. O novo secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media afirmou que o discurso do 10 de Junho deveria ter sido feito por Dino porque “é o melhor exemplo do que é hoje Lisboa, para lá do turismo” (Maia, 2019).

3.2. A música transnacional de Mayra Andrade

Mapear a Nova Lisboa significa falar de Mayra Andrade. Nascida em Cuba, viveu no Senegal, em Angola, em Paris, na Alemanha e em Portugal mas, com o pai e a mãe cabo-verdianos o lugar a que chama casa é Santiago. Sentindo Cabo Verde como raiz e usufruindo dos seus múltiplos espaços de vivência, a música vai tornar-se o reflexo da fusão de influências que entre o funaná, o batuque, a coladeira, a bossa nova, o jazz e o pop, novas roupagens irão definir o som da cantora, ela própria resultado de uma grande mistura. A carreira de Mayra Andrade começa em 2001 quando no Canadá ganhou os IV Jogos da Francofonia. A partir de 2002 passa a residir em França e a sua carreira musical começa a ganhar amplitude: o seu primeiro disco "Navega" (2006)²⁷ alimentou caminho para a prosperidade e despontou pilares para “Storia

²² Dino d´Santiago é o fundador de “Lisboa Criola” (<https://www.instagram.com/lisboa.criola/>), do festival “Sou Quarteira” (<https://www.souquarteira.com/>) e do Festival na Sofa (<https://www.instagram.com/festivalnasofa/>), este último criado durante e para o período de confinamento da pandemia Covid-19.

²³ O momento foi partilhado pelo cantor: <https://www.instagram.com/p/CdXr-E0lutv/>.

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXUPosdINVv/> e <https://www.instagram.com/p/CaHIUy3MZpn/>.

²⁵ Diretrizes do evento disponível em: https://gulbenkian.pt/jardim-de-verao-2022/?utm_campaign=later-linkinbio-fcgulbenkian&utm_content=later-27650569&utm_medium=social&utm_source=linkin.bio.

²⁶ Palavras do vídeo promocional do evento: <https://www.instagram.com/p/CfPAVNZDckW/>.

²⁷ Todos os álbuns e músicas da cantora estão disponíveis em <https://www.discogs.com/artist/690607-Mayra-Andrade>.

Storia" (2009), disco gravado em Paris, Rio de Janeiro, São Paulo e Cuba e que, suportado pelos géneros musicais de cada lugar se suportam pelas origens da morna e da coladeira, géneros musicais nascidos e caracterizados pelo seu lugar de casa, Cabo Verde. O samba de "Turbolensa", a "Morena, menina linda" que conta com arranjos de Jacques Morelenbaum, a adaptação de "Palavra" de Mário Lúcio Souza (Lusa, 2009) e a composições em crioulo dos cabo-verdianos Nitu Lima, Djoy Amado e Kim Alves (Vitória, 2009), percorrem o álbum de "espaços privilegiados de construção de identidades diferentes e diferenciadas" onde "a partir do estabelecimento de interações entre os respetivos atores sociais (...) emergem novas configurações identitárias (Monteiro, 128). O reportório das composições é múltiplo e a narrativa em crioulo, português e francês mostra a cultura dos pais e a da sociedade de fixação de Mayra Andrade que, por essa razão, acaba por seguir um percurso próprio de integração e prática musical transnacional. Em cada sonoridade, "a mestiçagem musical é fundamental. Mas não a procuro a todo o custo. É algo natural em mim. Claro que "Storia Storia" apoia-se muito na tradição musical de Cabo Verde mas, para mim, tradição não pode ser sinónimo de prisão. Daí que misture músicas do meu país com outros sons e influências porque sou permeável a isso" (Vitória, 2009).

O combinado de referências sucede a obra da cantora com *Studio 105* (2010) e *Lovely Difficult* (2013). Cantado em crioulo, francês e inglês este 4º álbum é próspero nos arranjos criativos e rico na variedade instrumental. Com várias das músicas a serem cantadas em crioulo, com a descrição da vida entusiasta das ilhas, diretamente lembrado em "Ilha de Santiago"²⁸, os elementos melódicos que vão para além dessa bandeira cabo-verdiana constroem um álbum "mais virado para a música pop, mais universal e mais moderno. Todas essas novas influências acabam por ser um resumo dos onze anos que vivi em Paris" (Burgo, 2014). O hibridismo e a dinâmica inerente à música constituem um fator de afirmação cultural como elemento de socialização, congregação e aproximação que se vai adaptando e resistindo às tendências globalizantes (Monteiro, 2008: 129).

Nesta continuidade, e inspirada no afrobeat, tanto quanto na música urbana e nos ritmos tradicionais de Cabo Verde, Mayra Andrade consegue uma fusão equilibrada desses géneros ao realçar o crioulo e o português no álbum *Manga*. Lançado em 2019, "neste disco, havia uma vontade de cantar apenas em crioulo e mais em português do que eu tinha cantado até aí, porque estou num momento mais lusófono da minha vida, mudei-me para Lisboa, e não me apetecia mesmo cantar em francês, nem inglês" (Santos, 2019). "Claro que transporto em mim Cabo Verde, e todo o continente africano que me inspira de forma infinita" (Pereira, 2019) mas, Lisboa motivou os ritmos inovadores de "Segredu", "Badia", "Kodé", "Limitason" e "Plena". O período

²⁸ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkDEw6HI20w>.

longo de tempo que permitir Mayra Andrade conhecer Lisboa era na época de férias pois, o avô era português e “ é incrível como Cabo Verde vive em Lisboa. Há festas cabo-verdianas, há cachupa, dança-se. É muito bonito ver como as culturas luso-africanas ocupam a vida das pessoas em Lisboa.” (Pereira, 2019). Esta Lisboa tão cabo-verdiana que se apoia em Os tubarões, Bulimundo, Cesária Évora e Tito Paris e que se une a referências musicais como Cetano Veloso, Elis Regina e Vinícius de Moraes transportam-nos para uma liberdade criativa, produzida e dirigida de maneiras diferentes, e onde as distintas realidade de fazem de capítulos e ao sabor das viagens da cantora. A polivalência instrumental na produção musical da cantora determina elos de consumo internacionais estabelecidos em torno de práticas que geram “uma economia cultural vocacionada para a manutenção e permanente renovação de expressões de música e dança centrais nas suas práticas quotidianas, memórias e identidades” (Cidra, 2008: 122). “A música de Cabo Verde tem sido historicamente produzida a uma escala transnacional. Músicos sedeados nas ilhas recebem permanentemente o estímulo criativo das músicas divulgadas ou produzidas por músicos na diáspora; e músicos vivendo em Portugal, Holanda ou França, confrontam os materiais culturais que advêm da sua experiência de migrantes nessas sociedades, com uma inspiração criativa “na terra”, dialogando com representações do seu território de origem ou com as suas sensibilidades culturais emergentes” (Cidra, 2008: 122), em que Mayra Andrade é interprete dessas dinâmicas e identidades implícitas.

3.3. A lusofonia ao som de Sara Tavares e de Lura

Sara Alexandra Lima Tavares nasceu em Lisboa a 1 de Fevereiro de 1978 e aprofunda a sua identidade musical entre a vivência em Portugal e a ascendência cabo-verdiana onde, inteirada dessas esferas e referências culturais, a cantora caminha num universo multicultural de matriz mútua e partilhada. A dualidade territorial é mapeada pela cantora quando ao pop remata a música em crioulo cabo-verdiano para uma criação identitária coletiva refletida no cruzamento de práticas e reflexões locais, globais e simbólicas que harmonizam as interações sociais e reforçam o espaço de grupo e comunidade.

O percurso de Sara Tavares inicia-se aquando da conquista do primeiro lugar no concurso televisivo Chuva de Estrelas em 1994²⁹ e quando, no mesmo ano, ganha o Festival RTP da Canção³⁰. Foi com esta base e sustentada nos posteriores êxitos que o trajeto da cantora amadureceu e a sua experiência na diáspora contribui para a aceitação de uma categoria, “que envolve necessariamente o reconhecimento de

²⁹ Atuação disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cxOEMjZsaSk&list=RDcxOEMjZsaSk&start_radio=1.

³⁰ Com a mesma canção, Sara Tavares representou Portugal no Festival Eurovisão da Canção de Dublin na Irlanda, onde alcançou o 8.º lugar: <https://www.youtube.com/watch?v=1wN4IK8cwGg>, consultado a 21/4/2022.

uma ligação a Portugal e a uma história comum que é mobilizada em narrativas de identidade” (Cidra, 2022: 80).

O seu diálogo com o centro de produção musical inicia-se em 1996 com o álbum “Sara Tavares & Shout”³¹. A representação pública e prática da artista fortalece-se quando nesse ano recebe uma menção honrosa da Walt Disney Records pelo tema “Longe do Mundo” para o filme “O Corcunda de Notre Dame”³². No ano seguinte, em 1997, gravou vários temas para a banda sonora da versão portuguesa do filme “Hércules”, participou na Expo'98 no espetáculo de tributo a Gershwin, ao lado da Rias Big Band Berlin e colaborou como cantora convidada do álbum ao vivo da banda Ala dos Namorados, que consagrou o êxito de “Solta-se o Beijo” em 1999³³ (wikiland). Não pertencendo apenas a uma terra ou casa concretos, o álbum *Mi Ma Bô*³⁴ (1999), é gravado em França e envolvido de elementos agregadores da nação cabo-verdiana. Quando lança o álbum *Balancê* (2005), a referência a uma Lisboa africana faz irromper a sua carreira ao abraçar uma nova paisagem que faz emergir em Portugal uma coletivização fundamentada na troca e partilha de interesses que firma a existência em intensas sociabilidades e elos de ligação reguladores da vida social. O álbum *Xinti* (2009) conta com mais profundos ritmos do continente africano e vem sustentar a criatividade artística através dos temas e lugares abordados nas suas canções como referentes ao passado, ao presente e ao futuro comum. “Apesar do relevo do lugar de origem (...) A sua relação com os países africanos é mediada pela diáspora em Portugal, onde práticas culturais e significados associados a comunidades de origem coexistem com, e são reinterpretados à luz de uma experiência de vida em território português; onde relações práticas e imaginadas com a nação e a diáspora competem com a experiência de vida na sociedade portuguesa e com os discursos que em Portugal enquadram a relação com a diferença, nomeadamente a lusofonia ” (Cidra, 2022: 79). O álbum *Fixadu* (2017) vem desejar transgredir no repertório quando a sua obra se compõe não apenas da morna, mas é também sereno ao abraçar o R&B, a soul e o reggae que, com o crioulo a articular as diversas escalas e os múltiplos campos de enraizamento artístico, a música cruza fronteira e práticas reflexivas e aproxima Portugal e os países africanos de língua portuguesa.

Na noção de lusofonia que concede a Portugal e à sua história colonial um lugar simbolicamente destacado, Lura faz comunicar uma pertença nacional mediada por experiências na diáspora que a compreendem na ligação a territórios políticos e contextos culturais próprios. A cantora nasceu em 1975 em Lisboa, é filha de pais cabo-verdianos, a mãe nascida em Santo Antão e o pai em Santiago e entrelaça

³¹ Álbum disponível em: <https://www.last.fm/pt/music/Sara+Tavares/Sara+Tavares+&+Shout!>.

³² Sara Tavares fez uma adaptação da versão original “God Help The Outcasts” de Heidi Mollenhauer que, inclusive, foi considerada como a melhor versão em língua não inglesa.

³³ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oWdLm98G5MQ>.

³⁴ Todos os álbuns da cantora estão disponíveis em: <https://genius.com/artists/Sara-tavares>.

historicamente Cabo Verde e Portugal onde a música passa a estar influenciada pelos anexos encontros e desencontros. *Bejo de Sôdade*³⁵, música que interpreta com Sara Tavares, é um bom exemplo de um tema “que eu acho que tem um significado enorme e está escrito de uma forma magnífica, de forma a mostrar esta ligação grande entre Portugal e Cabo Verde (Cidra, 2022: 68).

O disco *Di Korpu ku Alma* (2004)³⁶, que veio no seguimento de *In Love* (2002), “correspondeu a uma redescoberta mais alargada do seu passado cultural e familiar que a levou a viajar com mais frequência ao território de origem dos seus pais e a conhecer com maior profundidade a realidade cultural das ilhas e a língua crioula” (Cidra, 2022: 69). A morna e a coladeira, práticas expressivas de Cabo Verde percorrem *M´bem di fora* (2006), *Eclipse* (2009), *Best of Lura* (2010) e *Herança* (2015) numa “história de povos reencontrados” (Cidra, 2022: 76) que valorizam o património comum na dupla pertença cultural e que “partem da prática musical e expressiva para iluminarem as múltiplas histórias culturais abarcadas pela categoria de lusofonia” (Cidra, 2022: 80).

3.4. Canta-se a memória e ouve-se a História: Fogo Fogo e Kriol

Fogo Fogo nasceu no palco da Casa Independente e juntou Danilo Lopes e David Pessoa, Francisco Rebelo, João Gomes e Edu Mundo para mais um pronúncio à tradição e herança cabo-verdiana que moram em Lisboa (Vieira). Uma Lisboa que permite “tirar a cor da pele da essência da crioulaização, tirar a religião, tirar tudo isso e deixar que o indivíduo pelo seu percurso, pelas suas misturas opte voluntariamente por viver numa relação que aceite, primeiro, que todas as culturas atuais são síntese de várias culturas” (Karyna, 2021). Uma “Lisboa que nós sentíamos que já existia. Que achávamos que existia. E existe. E é” (Ribeiro, 2021). Uma Lisboa onde se acende uma chama que tenta “beber a toda a história e todas as passagens que o funaná teve para fazer mais uma abordagem, que será a nossa. Gostamos de ouvir todas e procuramos aprender com todas as abordagens que houve até agora. Das mais tradicionais do Codé di Dona, Sema Lopi, às mais futuristas do Dino D’Santiago” (Brito, 2021).

Iniciaram o seu percurso em 2014 quando mensalmente tocavam no Salão Tigre e em 2016, “sob a forma de matines dançantes, com a banda & convidados, dj sets e a Tia Ete a cozinhar cachupa rica como só ela sabe e outros pitéus de chorar por mais” (Vieira), tornaram as tardes e as noites do Independente num peculiar espetáculo que transporta de forma irreverente instrumentos elétricos e formações musicais como o funaná, o afro funk, o rock, o dub e o reggae dos anos 70/80. Até a esse momento editavam reproduções de versões originais de Bulimundo, Os Tubarões, Simentera, Ferro Gaita, Sir Victor Uwaifo, entre outros músicos e bandas que servem de estímulo

³⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2Prtc2DwMM>.

³⁶ Todos os álbuns da cantora estão disponíveis em: https://www.discogs.com/pt_BR/artist/490068-Lura.

e inspiração na sonoridade e na energia que começa em *Fogo Fogo* (2016)³⁷ e vai até ao primeiro disco de originais intitulado de *Fladu Fla* (2021). Todo o lugar de som do grupo é envolvido de ritmos específicos e singulares fragmentos melódicos que expõem elementos musicais inovadores. Ouvir *Fogo Fogo* é “ser atropelado pela energia rítmica, e o ar que se esvai intencionalmente das cordas vocais de quase toda a banda, nos faz acreditar que também somos capazes de cantar e de convidar, e ser convidados, para dançar. (...) Presenciar Fogo-Fogo alimenta partes em nós que se revelam famintas de troca humana. É suor-perfume que nos lembra que ter vontade por vezes basta! (...) Tocam sons que homenageiam a música de dança Africana (...) É mais uma celebração da cultura do baile, do quintal, do clube e dos exageros familiares da carne e do coração (Made in Portugal musica). “Os músicos partem da prática musical e expressiva para iluminarem as múltiplas histórias culturais abarcadas pela categoria de lusofonia e apontarem para a possibilidade de formulação de novos valores políticos que organizem a vida comum das suas várias comunidade” (Cidra, 2022: 80), que no humor festivo e “numa música com tanta cor, é importante percebermos o tom de cada instrumento e de cada voz” (Ribeiro, 2021). Cada elemento confronta as dinâmicas sociais e simbólicas, aprofunda relações e integra transformações culturais que imaginários e experiências históricas preservam no presente e fazem alimentar o futuro comum e intercultural. Essas histórias de “imaginação e de identificação transmitem de um modo mais aproximado as paisagens sonoras e as histórias culturais nas quais os músicos inscrevem os seus processos criativos e a partir das quais questionam a unidade dos materiais culturais e dos processos de interação cultural agrupados sob o termo de lusofonia” (Cidra, 2022: 81). A estes constituintes juntam-se informações visuais que criam narrativas e esferas de emoção aqui simbolizadas nas capas dos álbuns “que tu podes ficar a olhar para ela durante muito tempo. Enquanto ouves o disco” (Ribeiro, 2021), *Fladu Fla* desenha-se por Alexandre Farto, mais conhecido como *Vhils*, num misto de referências que inclui Zeca Afonso, José Mário Branco, Orlando Pantera, Tim Maia, Paulino Vieira, Fela Kuti, Lee Scratch Perry, Jimi Hendrix, os próprios *Fogo Fogo* que surgem reunidos e próximos de Amílcar Cabral e onde também cabe um avião da TACV (Transportes Aéreos de Cabo Verde), um *tambureru* do Cola de San Djon, o Vulcão da ilha do Fogo, a cachupa, o grogue e paisagens de Moçambique e do Porto. Estas referências são recolhidas dos cinco músicos a quem *Vhils* pediu ícones e marcas de Cabo Verde, símbolos da vivência e identidade de cada elemento do grupo e que resultou numa ilustração que apresenta o Funaná não só como uma música de dança mas também como uma música de luta (Rodrigues, 2021). Nesta premissa, o EP *Nha Cutelo* (2018) e *Dia Não* (2019), mostram capas assinadas pelo artista plástico Francisco Vidal. A criação faz parte de uma coleção de nove pinturas assinadas pelo autor de uma série inspirada no movimento “Acaba de Me Matar” que surgiu em Angola e que através da arte faz crítica social. O objetivo do artista foi “retratar uma

³⁷ Todos os álbuns da banda estão disponíveis em: <https://fogofogo.bandcamp.com/music>.

Lisboa genuína, próxima da Lisboa que cantam *Fogo Fogo* e que representa a mistura cultural que a cidade integra” (Glam Magazine/ Ponto Zurca). Uma mistura que procede de um lastro histórico, que é convertido em documento pelo qual é possível pensar sobre uma época, lançar direções sobre as sociabilidades e as sensibilidades coletivas e, permear a vida e vivência musical de Lisboa.

Nesta voz de intercâmbio cultural entre Portugal e Cabo Verde Danilo Lopes juntou-se a Renato Chantre para formar *Kriol*, uma dupla que viaja por identidades sonoras como mazurkas, valsas, colá san jon, coladeras e batukes e que nasceu da vontade de reinventar a música tradicional de Cabo Verde (Bantumen). Oscilando entre a Trafaria e a ilha de São Vicente, a primeira música *Tempo Djá Muda*³⁸, reflete acerca do conturbado período em que existimos efetivando não apenas uma crítica à sociedade, mas também um apelo à mudança por parte daqueles que têm autoridade na decisão (Team, Reb). O discurso musical cruza aspetos políticos e identitários com formas de expressão cultural que se manifestam em configurações sociais de crítica, mudança, resistência, proposta e ação. Neste sentido, a peça musical que emerge a partir da forma como as experiências sociais e históricas foram e são apreendidas, traduzem-se a partir das canções que circulam como conformidade, oposição ou tensão ao saber acerca mundo.

4. Considerações finais

Fundamentamos a investigação pelo interior de Cabo Verde para (re)encontrarmos Portugal. Percorremos a música como resultado de processos de interação e inserção que no quadro das trocas culturais e das dinâmicas diferenciadas e multidimensionais, são resultado de uma relação com o outro, ou seja, de uma construção social. Desse processo emerge um património cultural herdado onde “a história não tem um percurso preciso e contínuo. Temos regressos, anacronismos, descontinuidades, recuperações e convivências, com a música a funcionar, de uma só vez, como reflexo e profecia do mundo, mostrando-nos que é possível recusar esquemas únicos, que existem múltiplas temporalidades simultâneas e diferentes formas de entender o tempo, a memória, a história, a vida (Belanciano, 17). Enquanto agentes sociais que transportam consigo a sua identidade de origem e a sua memória coletiva, os artistas criam novas formas de expressão e práticas musicais que vinculadas á questão da identidade reconstroem um campo cultural diversificado na definição da transnacionalidade cabo-verdiana na diáspora. E “são muitos neste “ato de cultura”, diria Amílcar Cabral, numa luta de outrora, com pilares sólidos que apesar das contracorrentes lançou sementes que continuarão a brotar. E o caminho ainda é longo. Lisboa a ser o que ela sempre foi... o embrião de muitas lutas e vitórias” (Gomes, 2022). “Hoje, felizmente, há muito mais agentes artísticos com visibilidade e vozes ativas, capazes de refletir e interrogar a memória colonial, e o pós-colonialismo”

³⁸ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nGMkDlr5Wp0>.

(Belanciano, 10). Mas ao contrário do que Vítor Belanciano referia, que “estamos longe de ter encontrado um caminho, ou uma narrativa, que seja capaz de fazer sentido a uma maioria” e que “ontem, como hoje, sente-se que continua quase tudo por construir (...)”, o caminho, no presente, celebra-se e amplifica-se na mistura cultural. A obra conjunta dá voz a uma partilha de ação em que todos inspiram a Lisboa crioula e juntam a cidade que reclama o seu lugar na produção cultural, nos costumes do tempo e na energia do espaço. Neste entusiasmo coletivo os processos de encontro são resultado de uma reestruturação e imersos de habilidades dinâmicas que fazem compreender esta condição como global, comum e partilhada, onde as latitudes e propriedades da vida social se reestruturam e reorganizam na extensão e memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Belanciano, Vítor. *Não dá para ficar parado – Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cidra, Rui (2008). Produzindo a música de Cabo Verde na diáspora: redes transnacionais, world music e múltiplas formações crioulas. In Góis, Pedro (Ed.) *Comunidades Cabo-Verdianas. As múltiplas faces da imigração cabo-verdiana* (pp. 105-126). Lisboa: ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural).
- Cidra, Rui (2022). *Identidades de diáspora, cosmopolitismo e a promessa da cidadania: a lusofonia a partir das vozes de músicos das diásporas africanas*. *Análise Social*, LVII (1.º), (n.º 242), 56-84.
- DeNora, Tia (2002). *Music in action: performing gender on the Viennese concert stage, 1790–1810*. Exeter: University of Exeter..
- DeNora, Tia (2004). *Music in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Geertz, Clifford (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Guerra, Paula (2017). ‘Just can’t go to sleep’: DIY cultures and alternative economies facing social theory. *Portuguese Journal of Social Sciences*, 16(3), 283–303.
- Guerra, Paula (2018). Raw power: Punk, DIY and underground cultures as spaces of resistance in contemporary Portugal. *Cultural Sociology*, 12(2), 241–259.
- Guerra, Paula (2022a). Barulho! Vamos deixar cantar o Fado Bicha. Cidadania, resistência e política na música popular contemporânea. *Revista de Antropologia (São Paulo, Online)*, 65(2), e202284, <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.202284>.
- Guerra, Paula (2022b). Teenagers From Outer Space: Contributos para uma genealogia dos fios que teceram a moda e o do-it-yourself em Portugal. *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*. n.º 34, 19–63.
- Guerra, Paula; Hoefel, Graça Maria da; Severo Osório; Denise & Sousa, Sofia (2020). Women on the Move. Contributions to the aesthetic-political activism approach of Brazilian migrant women. *Cahiers du MIMMOC. Mémoire(s), identité(s), marginalité(s) dans le monde occidental contemporain* [Em Linha]. v. 21, colocado em linha em 17 de agosto de 2020, consultado em 18 de agosto de 2020. URL: <http://journals.openedition.org/mimmoc/5403>. Dossier – Circulations migratoires féminines dans l’espace hispanique et lusophone contemporain: vers une émancipation.
- Silva, Augusto Santos (2018). Como abordar a identidade nacional portuguesa? Todas as Artes. *Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 1(1), pp. 9-20.

WEBGRAFIA

- Almeida, Sumaya (2013). Sara Tavares - Programa Chuva de Estrelas (1994). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cxOEMjZsaSk&list=RDcxOEMjZsaSk&start_radio=1, acessado em 21/4/2022.
- Bantumen (2021). Dino D’Santiago, “Badiu” com orgulho e com novo álbum no forno. Disponível em: <https://bantumen.com/dino-dsantiago-badiu/>, acesso a 24/5/2022
- Bantumen (2022). “Tempo Djá Muda”, o novo single dos Kriol. Disponível em: <https://bantumen.com/tempo-dja-muda-kriol/>, acesso a 24/5/2022.
- Brito, Flávia (2021). *Lisboa Criola, um projeto reflexo de uma cidade que é de todos*. Disponível em: <https://gerador.eu/lisboa-criola-um-projeto-reflexo-de-uma-cidade-que-e-de-todos/>, acesso a 30/5/2022.

- Caetano, Maria João (2020). Dino D'Santiago tem disco novo: "Kriola" é uma prenda para o pai e uma homenagem à mãe. *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/dino-dsantiago-tem-disco-novo-kriola-e-uma-prenda-para-o-pai-e-uma-homenagem-a-mae-12026723.html>, acesso a 30/5/2022.
- Conversas ao Sul (2022). Youtube. Entrevista com Kriol | CONVERSAS AO SUL | EP04. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VjUJAlb1Tak>, acesso a 18/5/2022.
- Cvcultura. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CaHIUy3MZpn/>.
- Dino d'Santiago (2018). Youtube. Dino D'Santiago - Africa di Nós (Audio). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=btcz_nli1_Y, acesso a 30/5/2022.
- Dino d'Santiago (2018). Youtube. Dino D'Santiago - Mundu Nôbu (Audio). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dToNIT7vkuc>, acesso a 30/5/2022.
- Dino d'Santiago (2020). Youtube. Dino D'Santiago - Kriolu feat. Julinho KSD [Official Video]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DZuJfuTIXjA>, acesso a 28/5/2022.
- Dinodsantiago. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/dinodsantiago/>.
- Faro, Diogo (2020). *DESTA PARA MELHOR #3 | Dino d'Santiago | A solução está em elevarmos a nossa frequência*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gGet7-EGdI0>, acesso a 28/5/2022
- Farinha, Ricardo (2021). Dino D'Santiago: "Este álbum é um grito. É fazer o luto para seguir o meu caminho".. Disponível em: <https://www.nit.pt/cultura/musica/dino-dsantiago-este-album-e-um-grito-e-fazer-o-luto-para-seguir-o-meu-caminho>, acesso a 20/5/2022.
- Faustino, Susana Lopes. 2022. *Jardim de Verão: Celebrar a Lisboa crioula na Fundação Gulbenkian*. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/visaose7e/sair/2022-06-23-jardim-de-verao-celebrar-a-lisboa-crioula-na-fundacao-gulbenkian/>, acesso a 30/5/2022.
- Festival na Sofa. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/festivalnasofa/>.
- Fundação Calouste Gulbenkian (2022). Jardim de Verão. Disponível em: https://gulbenkian.pt/jardim-de-verao-2022/?utm_campaign=later-linkinbio-fcgulbenkian&utm_content=later-27650569&utm_medium=social&utm_source=linkin.bio.8KlzySi36GqZURcW2odnmiTy6AQ, acesso a 28/5/2022.
- Genius. Sara Tavares. Disponível em: <https://genius.com/artists/Sara-tavares>, acesso a 30/5/2022.
- Gomes, Karyna. A mensagem de Lisboa (2021). *A origem do crioulo, e a sua importância em Lisboa, a mais crioula das cidades europeias*. Disponível em: <https://amensagem.pt/2021/12/03/origem-crioulo-lingua-importancia-lisboa/>, consultado a 26/6/2022.
- Gomes, Karyna. A mensagem de Lisboa. 2022. *Dino D'Santiago, mais do que um músico, é um movimento cultural | Dino D'Santiago, más di ki artista, é un movimentu cultural*. Disponível em: <https://amensagem.pt/2022/06/21/dino-santiago-mais-do-que-um-musico-e-um-movimento-cultural/>, consultado a 26/6/2022.
- Groove, Mary (2022). Youtube. Kriol - Tempo Djá Muda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nGMkDlr5WpO>, consultado a 8/6/2022.
- Groove, Mary (2022). Youtube. Kriol- Tempo Djá Muda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nGMkDlr5WpO>, acesso a 24/5/2022.
- Guerra, P.; Hoefel, M.G.L.; Sousa, S. & Severo, D (2021). "Tu é machista" Música, ativismo estético-político e (re)configuração social e política nos tempos presentes. *Revista NAVA*, 6 (1-2), 267-297. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/33448>, acesso a 30/5/2022
- Instagram. Dino d'Santiago. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdXr-E0lutv/>, acesso a 24/5/2022.
- Lisboa.criola. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/lisboa.criola/> / <https://www.instagram.com/p/CfPAVNZDckW/>, acesso a 24/5/2022.
- Lura Official (2019). Lura - Beijo de Saudade (feat. Sara Tavares) [Live at Gulbenkian]. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2Prc2DwMM>.
- Lusa (2009). *Diário de Notícias*. Mayra Andrade canta livro de canções "Stória Stória". Disponível em: <https://www.dn.pt/cartaz/musica/mayra-andrade-canta-livro-de-cancoes-storia-storia-1231762.html>, acesso a 22/5/2022
- Lusa (2021). RTP Notícias. Dino D'Santiago edita hoje álbum que é uma homenagem aos `badiu` de Santiago. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/dino-dsantiago-edita-hoje-album-que-e-uma-homenagem-aos-badiu-de-santiago_n1366064, acesso a 30/5/2022.
- Machado, Ana Catarina (2020). Kriola, o novo álbum surpresa de Dino D'Santiago. GQ. Disponível em: <https://www.gqportugal.pt/kriola-o-novo-album-surpresa-de-dino-d-santiago>, acesso a 30/5/2022.

- Maia, Vânia (2019). "O Dino D'Santiago é que devia ter feito o discurso do 10 de Junho". Visão. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/ideias/2019-10-21-o-dino-dsantiago-e-que-devia-ter-feito-o-discurso-do-10-de-junho/>, acesso a 30/5/2022.
- Mayra Andrade (2014). Mayra Andrade - Ilha de Santiago (Oficial Video). Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkDEw6HI2Ow>, acesso a 24/5/2022.
- Mendonça, Bernardo (2019). Dino D'Santiago: "Lisboa é uma cidade crioula, aculturada, que se mistura e sabe conviver com as diferenças". Disponível em: <https://expresso.pt/podcasts/a-beleza-das-pequenas-coisas/2019-11-29-Dino-DSantiago-Lisboa-e-uma-cidade-crioula-aculturada-que-se-mistura-e-sabe-conviver-com-as-diferencas>, acesso a 30/5/2022.
- Mendonça, Bernardo (2019). Jornal Expresso. *Dino D'Santiago: "Lisboa é uma cidade crioula, aculturada, que se mistura e sabe conviver com as diferenças"*. Disponível em: <https://expresso.pt/podcasts/a-beleza-das-pequenas-coisas/2019-11-29-Dino-DSantiago-Lisboa-e-uma-cidade-crioula-aculturada-que-se-mistura-e-sabe-conviver-com-as-diferencas>, acesso a 30/5/2022.
- NuSoulFamily. Youtube. *This is for my people - Nu Soul Family*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ouE2t6TKOBs>, acesso a 18/5/2022.
- Oliveira, Gonçalo (2021). Dino D'Santiago: "O BADIU é o primeiro álbum em que visto a minha pele sem receio de mostrar a minha vulnerabilidade". Rimas e Batidas. Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/dino-dsantiago-o-badiu-e-o-primeiro-album-em-que-visto-a-minha-pele-sem-receio-de-mostrar-a-minha-vulnerabilidade/>, acesso a 30/5/2022.
- Otportugalsite. *OT2- Gala 1- Dino- Jardins Proibidos*. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=DeYKIGwboOA>, consultado em 5/6/2022.
- Pereira, Mariana (2019). Diário de Notícias. Mayra Andrade: "Esta força muitas vezes assusta os homens". Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/mayra-andrade-esta-forca-muitas-vezes-assusta-os-homens-10542288.html>, acesso a 14/5/2022.
- Pinheiro, Davide (2018). Jornal i. Dino D'Santiago. "Sou uma herança feliz do colonialismo". Jornal i. Disponível em: https://ionline.sapo.pt/artigo/631291/dino-d-santiago-sou-uma-heranca-feliz-do-colonialismo-?seccao=Mais_i Carvalho, acesso a 30/5/2022.
- Ribeiro, Alexandre. *Dino D'Santiago. Mundu Nôbu* (2018). Rimas e Batidas. Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/dino-dsantiago-mundu-nobu/>, acesso a 30/5/2022.
- Santos, João Pedro (2019). Dino D'Santiago sobre SOTAVENTO: "É o batuku e o funaná a assumirem uma globalidade electrónica". Rimas e Batidas. Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/dino-dsantiago-sobre-sotavento-e-o-batuku-e-o-funana-a-assumirem-uma-globalidade-electronica/>, acesso a 30/5/2022.
- Santos, Pedro João (2019). Mayra Andrade: "Estou num momento mais lusófono da minha vida". Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/mayra-andrade-estou-num-momento-mais-lusofono-da-minha-vida/>, acesso a 24/5/2022.
- Sara Tavares. Disponível em: <https://www.saratavares.com/>, acesso a 24/5/2022.
- Soares, Madalena (2020). Dino d'Santiago: "Quero que as pessoas possam estar perto novamente". Espalha Factos. Disponível em: <https://espalhafactos.com/2020/04/14/dino-dsantiago-quero-que-as-people-possam-estar-perto-novamente/>, acesso a 30/5/2022.
- Som Direto (2022). KRIOL apresentam single de estreia "Tempo Djá Muda". Disponível em: https://www.som-direto.com/l/kriol-apresentam-single-de-estreia-tempo-dja-muda/?fbclid=IwAR3If35K3rsYxi5dyeXFsqxPkMmJKs-7lXGotZyl_wSnsvqPHOXnEo634LU, acesso a 14/5/2022.
- Sony Music (2021). DINO D'SANTIAGO LANÇA NOVO ÁLBUM "BADIU" A 26 DE NOVEMBRO. Disponível em: <https://sonymusic.pt/dino-dsantiago-novo-album-badiu/>, acesso a 30/5/2022.
- Sou Quarteira (2022). Disponível em: <https://www.souquarteira.com/>, acesso a 30/5/2022.
- Team, Reb. Rimas e Batidas. "Tempo Djá Muda": Danilo Lopes e Renato Chantre apresentam o projeto Kriol. Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/tempo-dja-muda-danilo-lopes-e-renato-chantre-apresentam-o-projecto-kriol/>, acesso a 17/6/2022.
- Antena 3 (2021). Fogo Fogo - Ca Ta Da | Eléctrico | Antena 3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aoW9EqzefDO>, acesso a 17/5/2022.
- Brito, Flávia (2021). Fogo Fogo: "É funaná de Lisboa, de 2021". Disponível em: <https://gerador.eu/fogo-fogo-e-funana-de-lisboa-de-2021/>, acesso a 17/6/2022.
- Festmag. Youtube (2018). Fogo Fogo em Porto Covo (FMM Sines, 20.07.2018). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEhOB8DB8Dc>, consultado a 17/6/2022.
- Fogo Fogo. Youtube. 2020. Fogo Fogo:: NEW ALBUM (making of). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0c9d9Zru73k>, consultado a 17/6/2022.

- Glam Magazine. 2018. "NHA CUTELO"...NOVO EP DOS FOGO FOGO. Disponível em: <https://glam-magazine.pt/nha-cutelo-novo-ep-dos-fogo-fogo/>.
- Helio, Fonseca (2016). Youtube.. Fogo Fogo Boom Festival 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5VGoRNUGyhk>, / <https://www.youtube.com/watch?v=iO8XAFq-8rQ>, consultado a 17/6/2022.
- Lavrador, Rui (2020). Fogo Fogo celebram 5 anos, anunciam produtores de novo disco e procuram "fazer uma música intemporal, que seja difícil de datar". Disponível em: <https://infocul.pt/arquivo/cultura/fogo-fogo-celebram-5-anos-anunciam-produtores-de-novo-disco-e-procuram-fazer-uma-musica-intemporal-que-seja-dificil-de-datar/>, acesso a 17/6/2022.
- MADE IN PORTUGAL MUSICA (2019). Fogo Fogo lançam o seu primeiro EP de originais. <https://madeinportugalmusica.pt/fogo-fogo-lancam-o-seu-primeiro-ep-de-originais/>, acesso a 17/6/2022.
- Ponto Zurca. Fogo Fogo| Novo Ep "Dia Não". Disponível em: <http://www.pontozurca.pt/?p=5844>, acesso a 17/6/2022.
- Ribeiro, Alexandre (2021). Fogo Fogo: "A ideia original do projecto foi mostrar essa Lisboa que nós sentíamos que já existia". Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/fogo-fogo-a-ideia-original-do-projecto-foi-mostrar-essa-lisboa-que-nos-sentiamos-que-ja-existia/>, acesso a 17/6/2022.
- Rodrigues, Inês (2021). Rádio Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://www.ruc.pt/podcast/culturama/entrevista-fogo-fogo>, acesso a 17/6/2022.
- Santos, Nelson (2021). TSF. Fogo Fogo: a chama do funaná em novo álbum com capa de Vhils. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/fogo-fogo-a-chama-do-funana-em-novo-album-com-capa-de-vhils-14131599.html>, acesso a 17/6/2022.
- Som Direto (2022). Entrevista com Fogo Fogo. Disponível em: <https://www.som-direto.com/l/entrevista-com-fogo-fogo/>, acesso a 17/6/2022.
- Vieira, Rui. Casa Independente. Disponível em: <http://casaindependente.com/quemsomos/projectos/musica/fogo-fogo/?lang=en>, acesso a 30/5/2022.
- Vitória, Ana (2009). Jornal de Noticias. Entre a tradição e a modernidade. Disponível em: <https://www.jn.pt/artes/entre-a-tradicao-e-a-modernidade-1227083.html?id=1227083>, acesso a 30/5/2022.
- Voa Português (2022). *Dino D'Santiago: Badiu "foi um resgate ao som da minha voz"*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PvpJJj9Y8pg>, acesso a 5/6/2022.
- Youtube. 2013. Sara Tavares- Programa Chuva de Estrelas (1994). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cxOEMjZsaSk&list=RDcxOEMjZsaSk&start_radio=1, acesso a 21/4/2022.
- Youtube. 2013. Sara Tavares- Programa Chuva de Estrelas (1994). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cxOEMjZsaSk&list=RDcxOEMjZsaSk&start_radio=1, acesso a 21/4/2022.
- Youtube. 2016. *Ala dos Namorados & Sara Tavares & Nuno Guerreiro - solta-se o beijo - dueto (letra)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oWdLm98G5MQ>, acesso a 22/4/2022.
- Youtube. 2016. *Ala dos Namorados & Sara Tavares & Nuno Guerreiro - solta-se o beijo - dueto (letra)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oWdLm98G5MQ>, acesso a 22/4/2022.
- Youtube. 2017. 23 Outubro. M80|Entrevista a Sara Tavares. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BZTfTCcdzmA&t=117s>, acesso a 24/4/2022.
- Youtube. 2019. Lura - Beijo de Saudade (feat. Sara Tavares) [Live at Gulbenkian]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2Prct2DwMM>, acesso a 10/6/2022.
- Youtube. 2020. Branko + Dino D'Santiago: #ALiberdadeEmCasa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RJxRPpdx3uE>, consultado a 5/6/2022.
- Youtube. Badiu. Disponível em: https://music.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_l0aa--, acesso a 5/6/2022.
- Youtube. Sara Tavares - Chamar a Música | Festival da Canção 1994. RTP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1wN4IK8cwGg>, acesso a 21/4/2022.
- Youtube. Sara Tavares - Chamar a Música|Festival da Canção 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1wN4IK8cwGg>, acesso a 21/4/2022.

DISCOGRAFIA

Bandcamp. Disponível em: <https://fogofogo.bandcamp.com/music>.

Discogs. 2008. Dino* And The Soul Motion – Eu E Os Meus. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/4525687-Dino-And-The-Soul-Motion-Eu-E-Os-Meus>.

Discogs. Lura. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/artist/490068-Lura.

Discogs. Mayra Andrade. Disponível em: <https://www.discogs.com/artist/690607-Mayra-Andrade>.

Last Fm. Sara Tavares e Shouts. Disponível em: <https://www.last.fm/pt/music/Sara+Tavares/Sara+Tavares+&+Shout!>.

Letras. Dino d´Santiago. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/dino-dsantiago/>.

Catarina da Silva. Mestranda em Estudos Africanos e Mestre em História de Arte, Património e Cultura Visual pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564, Porto, Portugal. Email: cbfsilva628@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7303-8865.

Paula Guerra. Doutora em sociologia. Professora de sociologia da Faculdade de Letras e investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL - Centre for Socioeconomic Change and Territorial Studies, Portugal. Co-fundadora e editora-chefe (com Andy Bennett) do Journal da SAGE: *DIY, Alternative Culture & Society*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

Receção: 10-07-2022

Aprovação: 13-11-2022

Citação:

Silva, Catarina da; & Guerra, Paula (2022). A música movimenta a cultura e inspira a lusofonia: pelo interior de Cabo Verde ao (re)encontro de Portugal. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 5(2), pp. 49-72. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav5n2a3